

Brasil é o único em recessão entre os países do Brics

Com o atual ritmo de crescimento, o Brasil pode ser ultrapassado pela Índia como 7ª maior economia do mundo

Idiana Tomazelli / RIO

O Brasil teve o pior desempenho entre os países do grupo Brics – que conta ainda com Rússia, Índia, China e África do Sul – no segundo trimestre deste ano, sendo o único dentre essas grandes economias emergentes em recessão técnica.

Até mesmo os russos, afetados pelas sanções impostas por Estados Unidos e Europa em função da crise na Ucrânia, conseguiram evitar dois trimestres seguidos de queda no PIB.

Índia. A trajetória de desempenho fraco pode antecipar a destituição do Brasil do posto de sétima maior economia do mundo. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Índia deve ultrapassar o País em termos de PIB em 2018.

“Mas isso considera projeções otimistas, então pode acontecer antes”, disse Luciano Rostagno, estrategista-chefe do Banco Mizuho, apostando

que ocorra em 2017. Hoje, a Índia figura na 10ª colocação.

O FMI projeta crescimento de 1,3% para a economia brasileira em 2014 e de 2,0% em 2015, conforme o relatório Perspectiva Econômica Global atualizado em julho. O economista, contudo, considera esses resultados irrealizáveis. Ele projeta avanço de 0,2% neste ano e de 1,0% no ano que vem. A Índia, por sua vez, deve expandir 5,4%, acelerando para 6,4% em 2015, segundo o FMI.

“O Brasil de fato mudou de rumo. Isso reflete a falta de visão de médio e longo prazo. As medidas adotadas pelo País foram míopes, no sentido de ter um crescimento puxado por muito consumo e pouco investimento”, avaliou Rostagno. “O governo esqueceu de preparar o País para o futuro”, completou o economista.

Estados Unidos. No segundo trimestre, o crescimento da economia brasileira também ficou atrás de Estados Unidos, Alemanha e Itália (que teve recuo de 0,2% em relação a igual período de 2013), país ainda fragilizado pela crise na zona do euro e pela ausência de reformas.

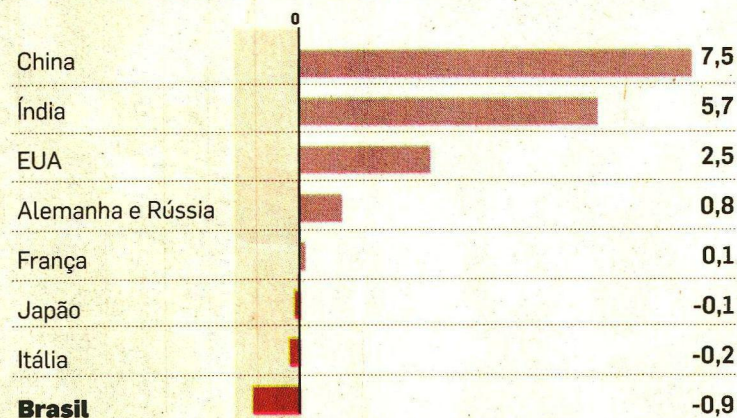
No mesmo período, o PIB brasileiro registrou queda de 0,9%.

NA LANTERNA

● Comparação do PIB dos países

EM PORCENTAGEM

VARIAÇÃO NO 2º TRIMESTRE 2014 ANTE 2º TRIMESTRE 2013



FONTE: LEVANTAMENTO ELABORADO PELO BANCO MIZUHO DO BRASIL S.A.

“Isso mostra que o Brasil sofre mais com questões internas. Nossas exportações contribuíram positivamente”, afirmou Rostagno, que levantou os da-

● Cenário

“As medidas adotadas pelo País foram míopes, no sentido de ter um crescimento puxado por muito consumo e pouco investimento.”

Luciano Rostagno

ESTRATEGISTA-CHEFE DO MIZUHO

“A queda nas importações se deu porque a demanda do mercado interno está se retraindo.”

José Augusto de Castro

PRESIDENTE DA AEB

dos a pedido do Estado.

Segundo ele, os crescimentos da China (7,5%) e dos Estados Unidos (2,5%) no segundo trimestre em relação a igual período de 2013 reforçam que as dificuldades brasileiras são no plano doméstico. “Os Estados Unidos tiveram um primeiro trimestre ruim, mas foi por causa do clima”, disse.

Ucrânia. Em outro levantamento, a Austin Rating listou o desempenho de 37 países, e o Brasil superou apenas a Ucrânia, que enfrentou queda de 4,7% no segundo trimestre em comparação a igual período do ano passado.

A Ucrânia está em conflito com a Rússia, acusada de invasão territorial e de fornecer armas e suprimentos a rebeldes

separatistas.

Setor externo. O setor externo salvou o PIB brasileiro de registrar um recuo ainda mais intenso no segundo trimestre. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as exportações cresceram 2,8% em relação aos três primeiros meses do ano, enquanto as importações caíram 2,1%.

“Mas é um positivo por razões negativas. A queda nas importações se deu porque a demanda do mercado interno está se retraindo”, observou José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). “Isso é determinado principalmente pela indústria, que está reduzindo compras de insumos e componentes”, acrescentou Castro.

Importações. Diante do elevado endividamento e da renda crescendo menos, os consumidores acompanham o movimento de moderação nas compras, o que também ajuda a reduzir as importações.

Do lado das exportações, os embarques de soja garantiram o bom desempenho. “O setor extrativo mineral também está crescendo muito”, observou Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais do IBGE.

Para o terceiro trimestre, as exportações devem continuar crescendo, ainda que num ritmo mais tímido. A “vedete” da vez, disse Castro, será o petróleo, cujos embarques devem crescer na esteira da recuperação na produção. / COLABOROU

ÁLVARO CAMPOS